

António Vieira

O ONZE DE SETEMBRO E A
BENGALA DE ANGOLA

1.^a EDIÇÃO

Sítio do Livro, Lda

FICHA TÉCNICA

EDIÇÃO: Adelino Araújo

TÍTULO: O onze de Setembro e a bengala de Angola

AUTOR: António Vieira

PAGINAÇÃO: Eduardo Araújo

IMAGEM: Eduardo Araújo

DESIGN DA CAPA: Eduardo Araújo

1.^a EDIÇÃO

LISBOA, Fevereiro 2011

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: Agapex

ISBN: 978-989-97155-0-9

DEPÓSITO LEGAL: 321656/11

© António Vieira

PUBLICAÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO

Sítio do Livro, Lda.

Lg. Machado de Assis, lote 2, Porta C — 1700-116 Lisboa

www.sitiodolivro.pt

PROSA N: 1

Lisboa, bairro Alvalade, um dos mais bonitos bairros desta cidade, quatro horas da manhã, numa moradia entra com todas as precauções um jovem de vinte e quatro anos, entra num vistoso e bem mobilado hall passa por uma sala, entra num corredor, ao fundo abre uma porta com muito cuidado, entra, começa a abrir gavetas das duas secretárias, que havia no escritório, de repente, sussurrou achei, abriu um envelope tirou um maço de notas, ergueu-se, meteu o maço das notas entre as pernas dentro das cuecas, dirigiu-se à porta, entrou no corredor entrou na sala, parou empalideceu, não conseguiu dar um passo.

À sua frente, sentado num bom sofá, estava um homem de estatura forte, cerca de cinquenta anos, com os olhos muito abertos e ameaçadores; dá-me o que vieste roubar – não vim roubar nada – não? Então diz o que vieste fazer – vim para dormir um pouco – porque não foste para o teu quarto? Não queria acordar o pai – por tua causa há anos que estou quase sempre acordado, por isso podes ir para o teu quarto – eu vou, obrigado pai.

Subiu as escadas para o primeiro andar, virou à esquerda, entrou na segunda porta. Ufff, desta estou safo, mas tenho que me pirar daqui antes de amanhecer, escondeu o dinheiro, despiu-se, vestiu um roupão, tirou da cómoda um pijama e

uma toalha, foi ao banheiro tomou um bom banho, o que já não fazia à muito tempo, foi ao guarda fato preparou toda a roupa para vestir e mais alguma para levar, deitou-se, ouviu bater à porta do quarto, a porta abriu-se.

Filho, meu querido filho, por onde tens andado, que nem um telefonema fazes a tua mãe, sabes que eu morro de saudades tuas – mãe tenho andado por aí, as coisas não estão fáceis, eu não tenho tido dinheiro, nem para mandar cantar um cego – mas filho procuravas-me eu arranjava algum – não queria que tivesse problemas com o pai – o pai quiere-te muito, tem feito tanto por ti, não pode fazer mais – se ele me quisesse muito, mandava-me para a Inglaterra ou América para eu aperfeiçoar o meu inglês – mas filho ele já te deu essas oportunidades, tu gastaste o dinheiro nesse maldito vicio – isso era dantes agora é outra coisa – mas filho vens para ficar cá em casa e começar a trabalhar com o teu pai? – Venho – não sabes alegria que me dás, vou fazer com que tudo corra bem.

A senhora Maria da Conceição agarrou-se ao filho a chorar, «não adivinhava que era mentira» – mãe tudo vai ser diferente daqui em diante – Deus te abençoe meu filho, mas agora tenho que me ir embora antes que o teu pai se zangue.

Maria da Conceição saiu do quarto muito contente, ia ter o filho de volta, estava disposta a fazer os maiores sacrifícios por ele, além dos que já tinha feito, nem tinha vontade de entrar no quarto,

com medo que o marido lhe estraga o sonho de ter o filho de volta.

Foi a cozinha bebeu um pouco de água, sentou-se uns minutos, os seus pensamentos voaram por tudo o que tinha acontecido nos últimos anos na sua vida e do seu filho, a criança que era alegre destemida, quando foi para a escola a vontade de estudar e fazer desporto, a alegria que sentia quando chegava a casa depois das aulas, da prática desportiva e dos convívios com os amigos que cativava com facilidade e que eram tudo para ele, o pai também o acarinhava muito e lhe facilitava as amizades, com convívios em casa, ensinou-lhe a conduzir automóveis aos dez anos.

Quando saímos para o campo, pequena herdade que tinham no Ribatejo, tinha muito orgulho no filho, a sua inteligência, a capacidade em lidar com as pessoas e tudo que estivesse a sua volta, a educação esmerada, tudo bonito e normal até aos dezoito anos, altura em que se começaram a notar algumas atitudes diferentes, chegar mais tarde a casa, não chegar às horas das refeições, mau humor, pedir dinheiro com frequência e outras mais coisas entre elas o desaparecer de dinheiro com frequência que ele imputava a irmã, que não tinha cabimento porque ela só tinha oito anos, o desprezo pelos velhos amigos e os novos que arranjou, mas não apresentava aos pais, uma grande diferença do que era.

De repente abre-se a porta – o que é que estás a fazer, estás adorar o menino? Não chega o que ele já nos fez passar, vem para a cama e reza

para ele não fazer mais alguma das dele, amanhã quero-o daqui para fora – não Amâncio, ele vem para ficar, diz que está diferente, quer trabalhar contigo que está farto da vida que leva, quer começar uma nova era – duvido muito disso, tenho que estudar muito bem o assunto, não me convenço que ele mude de um momento para o outro, tenho que ver para crer, vem deitar te, amanhã pensa-mos nisso, ele é meu filho estou mais uma vez disposto a ajudá-lo mas não com a facilidade que ele pensa, vamos, vamos que são horas.

Seis horas e trinta da manhã, José Leonel levanta-se rapidamente, veste-se a toda a pressa espreita à porta do quarto, tudo em silencio sai com todas as precauções, desce as escadas atravessa a sala abre a porta com todo o cuidado, sai apressado de casa, olhou duas ou três vezes para traz antes de chegar ao fim da rua, na Avenida da Igreja apanha um táxi que o levou até ao bairro da Mouraria, mais propriamente à zona do intendente, a casa da sua amiga Matilde, uma travessa em escadaria da rua Bemformoso, zona habitada por indianos, chineses e africanos, a maioria vindo das eis colónias portuguesas, local de muitos negócios, lícitos e ilícitos, que deixavam os velhos habitantes do bairro bastante apreensivos.

Subiu as escadas até ao primeiro andar esquerdo, bateu à porta passados uns minutos apareceu uma jovem de uns vinte e cinco anos, via-se que era bonita, mas depois de um bom banho seria muito mais, com cerca de um metro setenta de altura, um corpo bem proporcionado, loira,

olhos azuis, seios, fortes e redondos, pernas, ancas e mataco igualmente bem redondos, «mataco dialecto Angolano para designar o rabo da mulher» Matilde, eis imigrante da América de onde foi expulsa por consumo de drogas, em Portugal conseguiu sair, esteve quase metida novamente quando se apaixonou por Zito.

O que bens aqui fazer? Bens pagar o que me deves, ou bens meter-me em mais sarilhos?

Nem uma coisa nem outra, tenho dinheiro, venho em paz para resolver os nossos problemas, tu sabes que eu gosto muito de ti que nunca quero dar-te chatices, só que às vezes as coisas não correm como a gente quer, deixa-me entrar – não sei se deva – deixa-me entrar que não te vais arrepender – entra, mas fala já.

O andar, era composto por uma pequena sala, com sofá encostado do lado direito, uma pequena mesa e duas cadeiras, em frente tinha uma pequena televisão em cima de uns tijolos, havia algumas coisas espalhadas pelo chão, do lado esquerdo havia um recanto que fazia de cozinha com um velho frigorífico, um pequeno fogão eléctrico, uma prateleira com alguma loiça, havia uma pequena janela para uma rua estreita, em frente era o quarto, que tinha uma pequena cama, um tubo em cima de dois tripés onde penduravam a roupa nos cabides, num canto tinha uma rede com compartimentos, comprada na loja dos chineses, onde guardava outras peças de roupa.

José Leonel sentou-se no sofá, disse, tenho grana, veste-te vai comprar um bom mata-bicho e

produto – eu quero sair disso, já disse – eu também, mas agora preciso, depois vamos tentar sair aos poucos – eu já comecei, dinheiro para pagar ao Caifaz, tens? Tenho, toma, deu-lhe algumas notas – Matilde quando viu as notas tomou outra atitude, vou tomar um banho e compor-me, tenho que fazer tempo que o Caifaz se levante, depois vou lá – então vem aqui um pouco, vamos fazer o tempo – oh! Não não, tu não és certo – sou, vais ver como tudo mudar entre nós.

Matilde aproximou-se dele, ela gostava do Zito, como o tratava, ele era calmo, carinhoso tratava-a bem, ficava um pouco mais agressivo quando não tinha o produto, mas sempre foi arranjando crédito e dinheiro para manter o vício enquanto trabalhou com pai, depois deixou de trabalhar com o pai era mãe que lhe dava, chegou a viver com Matilde lá em casa, mas as coisas complicaram-se, quando a mãe não lhe conseguia arranjar dinheiro, porque o pai andava a controlar, depois saiu, começou a vaguear por vários cantos da cidade, mas Matilde continuava a gostar dele e ficava contente quando o encontrava.

José Leonel que estava sentado no sofá agarra-a, pelas ancas levantou-lhe a camisa de dormir e começou a beijar-lhe as couchas pelo lado da frente, foi beijando até ao umbigo, depois sentou-a no colo, puxou-lhe a camisa para cima e beijou-lhe os bem-feitos mamilos, com um biquinho com cerca de um centímetro, ela começou-lhe a tirar a camisa e retribuir do mesmo modo enquanto ele ia tirando as calças, ela foi